

O AGENCIAMENTO DE COLETIVOS URBANOS NA PERIFERIA DE SÃO PAULO

URBAN COLLECTIVE AGENCIATION IN THE PERIPHERY OF SÃO PAULO.

A. Liliane Carvalho

Universidade Federal do ABC, Brasil.

lilianekcarvalho@gmail.com

B. Maria Isabel Imbronito

Universidade São Judas Tadeu, Brasil.

lilianekcarvalho@gmail.com

RESUMO

Busca-se reconhecer o agenciamento de coletivos urbanos no Distrito de São Mateus, localizado na periferia leste do município de São Paulo. É de interesse identificar suas articulações, seu processo de organização em rede, além de observar os impactos mais evidentes na gestão territorial da área analisada. Objetiva-se relacionar tais coletivos e sua convergência organizacional junto a aspectos estruturais das chamadas redes complexas. Para isso, realizou-se o mapeamento dos coletivos que desenvolveram ações entre 2016 e 2018 no distrito citado, identificando suas perspectivas e expressões no território. Observou-se o desenvolvimento de um agenciamento específico, que denominou-se neste artigo como “rede tática”, considerando os aspectos das ações desenvolvidas e seu fortalecimento a partir da estruturação em rede. Desse modo, demonstra-se o potencial dos coletivos urbanos no planejamento insurgente e, por consequência, na construção de novas formas de gestão e planejamento urbano.

Palavras-chave: coletivos urbanos, planejamento insurgente, periferia, rede.

Linha de investigação: Dinâmicas Urbanas.

Tópico: Urbanismo insurgente e coletivos urbanos.

ABSTRACT

It seeks to recognize the agency of urban collectives in the District of São Mateus, located on the eastern outskirts of the municipality of São Paulo. It is of interest to identify its articulations, its network organization process, in addition to observing the most evident impacts on the territorial management of the analyzed area. The objective is to relate these collectives and their organizational convergence to structural aspects of the so-called complex networks. For this, the mapping of the collectives that developed actions between 2016 and 2018 in the mentioned district was carried out, identifying their perspectives and expressions in the territory.

The development of a specific agency was observed, which in this article was called “tactical network”, considering the aspects of the actions developed and their strengthening based on the network structure. In this way, it demonstrates the potential of urban collectives in insurgent planning and, consequently, in the construction of new forms of management and urban planning.

Keywords: urban collectives, insurgent planning, periphery, network.

Research line: Urban Dynamics.

Topic: Insurgent urbanism and urban collectives.

1. Coletivos urbanos: táticas e conceitos

Com base no panorama do contexto urbano atual, em que destaca-se a presença da racionalidade neoliberal em seu desenvolvimento (DARDOT; LAVAL, 2013), é possível observar novos modelos de gestão e de intervenções que emergem no espaço intra-urbano. Põe-se em debate a crise da modernidade e da gestão do território, concomitantemente ao aumento de processos que compõe as resistências urbanas, entendidas como insurgências e intervenções que buscam reestruturar, através de suas lutas contemporâneas, novos meios para o enfrentamento das problemáticas encontradas na vivência das cidades, consolidando-se, entre eles, as ações táticas e outras práticas urbanas criativas.

Para isso, define-se neste estudo, ações táticas como intervenções ou práticas insurgentes na apropriação e utilização dos espaços urbanos. São ações realizadas por grupos autogeridos, organizados de modo flexível e anárquico, que neste trabalho, serão denominados como ‘coletivos urbanos’. Entende-se que tais ações, comumente, impactam a gestão territorial em escala local. Destaca-se a oposição às formas de planejamento tradicionais, a inexistência de um controle governamental e sua forma horizontal. Estas ações possuem uma visão participativa e colaborativa capaz de reunir indivíduos e grupos a uma causa comum, compondo uma frente de mobilização que se dispõe a enfrentar ou mitigar problemas urbanos (BRENNER, 2016).

Pode-se afirmar que, durante a última década, as ações táticas foram potencializadas por conta do contexto de crise urbana global, que articulou componentes como “o rápido crescimento populacional, a reestruturação da produção industrial, a má adequação das infraestruturas físicas urbanas e a polarização das classes sociais” (BRENNER, 2016, p.1). Tais tensões, em conjunto, intensificaram a falta de representatividade política, culminando em inúmeros levantes reivindicatórios por diversas cidades do Brasil e do mundo que, potencializados pelo avanço da tecnologia e das redes digitais, criaram um contexto favorável a disseminação das ações táticas como solução paliativa às problemáticas urbanas resultantes dos períodos modernistas-estatistas e neoliberalistas.

De acordo com o relatório desenvolvido pela ONU-Habitat “WCR World Cities Report – 2016”¹, nas duas últimas décadas houve forte crescimento do número de grandes e megacidades no mundo, cuja a média de habitantes varia de 5 a 10 milhões de pessoas. Em 2016 foram identificadas, em escala global, 44 grandes cidades e 29 megacidades. Ainda segundo o relatório, a transformação de cidades em megacidades será significativa e estará concentrada nas regiões da América Latina, Ásia e África aumentando consideravelmente esses números até 2030. O relatório aponta como um fator de atenção o aumento, no decorrer dos últimos vinte anos, do número de moradores urbanos que vivem em favelas e territórios de alta vulnerabilidade. Assim,

¹ Relatório das Cidades Mundiais – 2016, tradução livre realizada pela autora. O Relatório na íntegra pode ser consultado através do link <<http://wcr.unhabitat.org/>>. Acessado em 08-10-18.

levanta-se como questão o modo com o qual as pessoas irão viver e habitar as cidades cada vez mais saturadas e vulneráveis. Segundo o relatório, “novas formas de colaboração, cooperação, planejamento, governança, financiamento serão necessárias para trazer mudanças positivas nas cidades globalmente” (ONU-Habitat - WCR, 2016).

Ao verificar-se os dados, percebe-se que a constituição do contexto urbano atual é preocupante e a reflexão sobre proposições que permitam mitigar as questões advindas da crise urbana e sua materialização no espaço são de significativa importância, especialmente ao pensarmos os territórios periféricos. Pode-se afirmar que as resistências urbanas exploram o espaço a partir de táticas e estratégias que envolvem necessidades e carências diagnosticadas por agentes locais no contexto local. O cidadão torna-se um agente fundamental no processo de apropriação e produção da cidade e das condições de seu desenvolvimento futuro. Pela sua característica democrática e participativa, a ação tática pode ser associada como uma alternativa abrangente, em resposta aos resultados urbanos atuais, que em grande parte, constitui processos centralizados que beneficiam setores específicos.

O espaço urbano passa a ser entendido como um local de experimentação, onde torna-se possível ressignificar sua condição através da ação tática coletiva. “A cidade real – interpretada como campo para experimentação – é um espaço construído a ser revelado, passível de ação local” (ROSA, 2011, p. 14). Vincula-se as necessidades locais e o interesse coletivo no desenvolvimento de uma espacialidade que se sobrepõe àquelas projetadas pelo planejamento urbano tradicional ou que resultam de legislações urbanas enrijecidas. Estas ações se articulam as diferentes camadas e perspectivas possíveis no espaço, levando em consideração “as relações entre corpo e cidade, entre corpo humano e corpo urbano, e entre corpo da arte e corpo político -, que é determinante para a explicitação ou a criação de tensões no espaço público” (JACQUES, 2011, p.172).

2. Aspectos das redes complexas

Ao alocarmos o olhar sobre os aspectos das chamadas ‘redes complexas’ é possível notar que suas definições são bastante eficazes para o entendimento da autogestão e flexibilidade exercidos pelos coletivos urbanos, que compõe as resistências urbanas contemporâneas através das ações táticas. Entende-se que os referidos conceitos sejam fundamentais à compreensão da composição das relações sociais urbanas atuais e, colaboram significativamente para composição da fundamentação de rede tática, que será apresentada na análise decorrente deste artigo. Busca-se observar a conceituação de rede “como modelo organizacional que se mostra cada vez mais adequado à compreensão das sociedades urbanas contemporâneas” (SÁ, 2015, p.40). As redes podem se formar de diversas formas, com destaque à sua capacidade de constituir-se em incontáveis possibilidades, das mais variadas combinações. A dinâmica que compõe a rede não deve configurar-se por visão estática e nem em uma relação estritamente dual, mas sim, na combinação de ao menos uma tríade, baseando-se na lógica combinatória e múltipla, e não, na lógica somatória (MARETELETO, 2007).

A revolução tecnológica permitiu o avanço das redes nas formas de comunicação, influenciando especialmente a comunicação digital (CASTELLS, 2002). A mobilização realizada através das redes sociais digitais permite o encontro de indivíduos com diversos pares, seja por temática ou demanda. Tal interação permite a concentração de grupos potencializando sua comunicação, dispensando uma delimitação ou a necessidade de um centro específico para isso. Recuero destaca que as redes possuem três topologias básicas, que são: distribuída, centralizada e descentralizada (Figura 01).

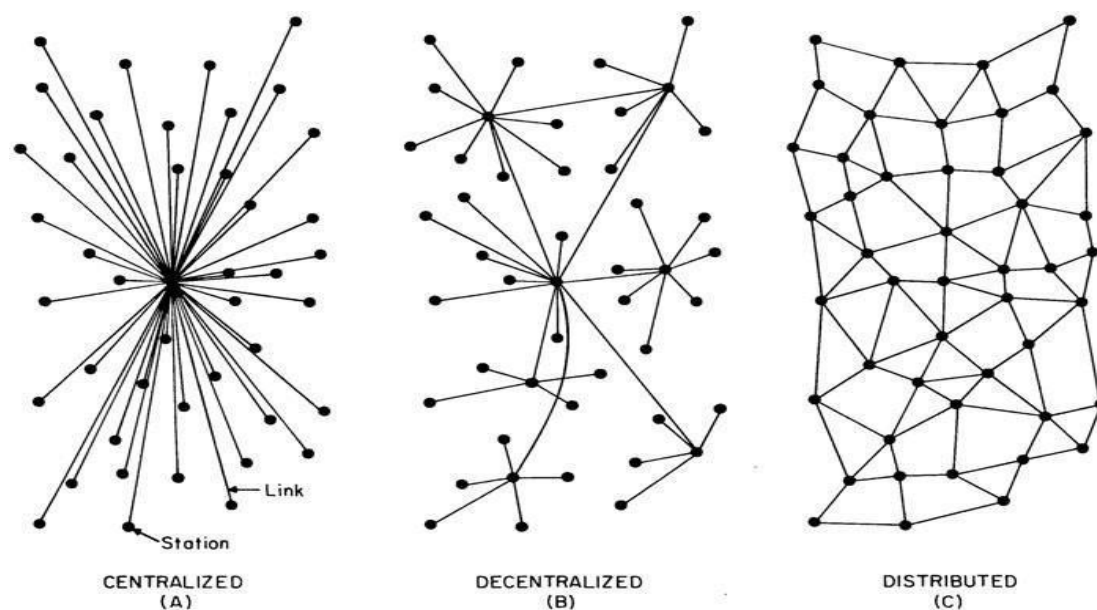


Figura 1 – Diagramas das redes de Paul Baran. Fonte: RECUERO, 2011, p. 56, apud BARAN, 1964, p.2. (A) Centralizado, (B) Descentralizado, (C) Distribuído. Tradução livre pela autora

A rede centralizada (A) é aquela onde um nó centraliza a maior parte das conexões. A rede descentralizada (B) é aquela que possui vários centros e é mantida conectada por grupos de nós que conectam vários outros grupos. A rede distribuída (C) é aquela em que todos os nós apresentam praticamente a mesma quantidade de conexões (RECUERO, 2011). Com o avanço das composições de rede, percebe-se que as estruturas citadas são reaplicadas, originando o estudo de redes complexas. A partir disso, observa-se a chamada “teoria das redes”². Entre os trabalhos que compõe a “teoria das redes”, destacam-se o “Rede Mundos Pequenos”³ e o “Redes sem escalas”⁴, que mostram-se especialmente relevantes para este trabalho. Segundo Recuero (2011), o estudo “Rede Mundos Pequenos” tem referência ao dito popular “Que mundo pequeno!”, trabalhando a percepção de que todos estão conectados direta ou indiretamente. O estudo indica que as relações entre os indivíduos são formadas em graus diferenciados, considerando-se laços fortes e laços fracos.

A partir disso, nota-se que os laços fortes são estabelecidos por relações em primeiro grau, formado por indivíduos que constituem o mesmo círculo de relação social, reforçando o caráter de articulações intensas. Os laços fracos, por sua vez, são formados por relações superficiais e pontuais. Que estabelecem as conexões entre os círculos de articulações intensas. Dessa forma, os laços fracos garantem o caráter de rede às conexões: “sem elas os vários cluster existiriam como ilhas isoladas e não como redes” (RECUERO, 2011, p. 62)

² “Teoria das redes” foi inicialmente formulada por Albert-László Barabási durante a organização de um conjunto de trabalhos relacionados ao tema. Ver mais em: BARABÁSI, Albert-László. **Linked. How Everything is Connected to Everything else and What it means for Business**, Science and Everyday Life. Cambridge: Plume, 2003

³ Ver mais em: 2. Topologias de Redes Sociais na Internet. In: RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Redes Sociais na Internet. 2ª ed. Porto Alegre: Sullina 2011 (Coleção Ciberultura). p. 56-71.

⁴ Idem.

Já o estudo das “Redes Sem Escalas” observa que as conexões entre nodos estão submetidas a uma distribuição que obedece à chamada lei de potência⁵. Afirma-se que a lei de potência indica que, “uma abundância de nós possui apenas alguns links, e uma pequena parte, mas significativa, tem a maioria das conexões”. Assim, percebeu-se que havia um padrão de crescimento na estruturação da rede e que, quanto mais conexões um nó apresenta, maiores são as chances de ele vir a ter mais conexões (Figura 16). Essa característica passou a ser denominada como conexão preferencial. Deste modo, as redes “possuiriam nós que seriam altamente conectados (conectores) e uma grande maioria de nós com poucas conexões” (RECUERO, 2011, p.67).

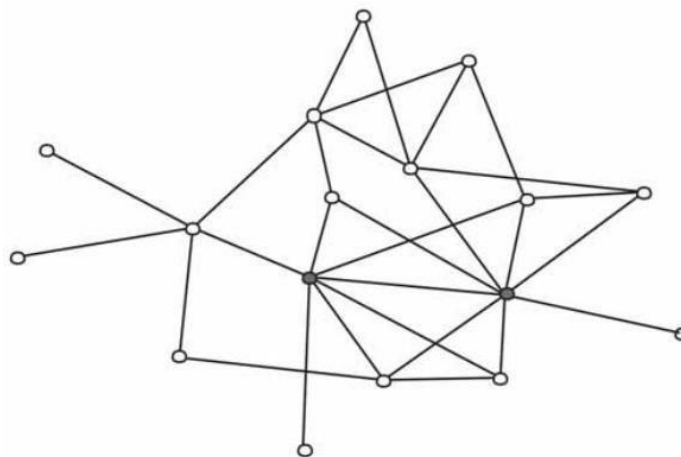


Figura 2 - Diagrama redes sem escala. Poucos nós possuem mais conexões que os demais. Os nós conectores podem ser reconhecidos em cinza escuro, os demais nós em branco. Fonte: RECUERO, 2011, p. 67.

Observam-se também as conceituais de conexões em rede que constituem-se fora dos padrões conceituais das redes complexas. Castells (2013) aponta que a expansão da rede pode se dar na junção a redes preexistentes ou potencializando a própria rede através de conexões formadas durante ações ou eventos, sejam eles virtuais ou reais, on-line ou off-line. Tal expansão pode, até mesmo, formar redes dentro de redes. Dessa maneira, pode-se afirmar que, os coletivos possuem como característica a conexão em múltiplas camadas, desenvolvendo ação política principalmente através do uso “das redes de comunicação da internet e dos telefones celulares” (CASTELLS, 2013, p. 162).

Para Castells (2013), a mudança social está vinculada as conexões baseadas na ação comunicativa. Observa-se que os coletivos exercem, pelas redes sociais digitais, um agenciamento de interesses conectando demandas e agentes. Segundo o autor, a comunicação em rede apresenta conexões locais e globais, sendo que, as locais nascem de situações globais; e as globais integram lugares e indivíduos que tenham interesses comuns. Desencadeando de um processo de ação comunicativa que fortalece as redes de comunicação multimodal, destacando-se atualmente neste cenário as plataformas Facebook, Twitter, Instagram e Youtube.

Tais sistemas de redes estão integrando a troca de informações, o capital e a comunicação ao redor do mundo. Há uma articulação entre o ciberespaço⁶ e o espaço físico territorial, que segundo Lévy (2010), envolve as

⁵ A Lei de potência, também chamada de *power law*. Ver mais em: NEWMAN; BARABÁSI; WATTS. **The Structure and Dynamics of Networks**. New Jersey: Princeton University Press, 2006.

⁶ Lévy (2010) define Ciberespaço como “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (Ibidem, p.94). O termo Ciber está ligado ao que é informatizado ou que envolve a tecnologia ou a internet como premissa

formas de atuação e organização coletiva da sociedade. O autor observa que as atuais constituições dos processos de diálogo e relacionamento sociais estão diretamente relacionados aos novos meios de comunicação que se integram em redes. A informação construída no ciberespaço, ganha amplitude através da comunicação digital, criando uma dinâmica que democratiza o saber a partir das interações sociais estabelecidas nos meios digitais.

Esta dinâmica pode ser reconhecida nos processos de articulação dos coletivos urbanos. O desenvolvimento da ação tática se dá, comumente, de modo coletivo e através das redes de comunicação digitais. O compartilhamento de informações estrutura as possíveis ações que se materializarão no espaço físico, a partir da avaliação dos agentes envolvidos. Com isso, pode-se afirmar que, a maior parte dos coletivos estabelecem seus processos construtivos a partir da dinâmica da comunicação multimodal, fortemente impulsionados pelos acessos promovidos através da tecnologia.

Dentro deste contexto, a cidade é produzida pelas camadas do cotidiano, incluindo a ação política e a produção de conexões realizadas por um indivíduo, considerando tanto sua experiência no ciberespaço, como sua presença corporal no território. Tais estratégias criam coalisões, que podem ser entendidas como nós compondo uma rede. As comunicações digitais, principalmente as realizadas através de dispositivos móveis, criam um sistema de colaboração e cooperação abertos a diferentes configurações e combinações no espaço (CASTELLS, 2013).

Santos (2005) evidencia a importância do território envolvendo o conceito de rede em sua formação. Entende-se que o funcionamento do território se dá a partir das forças aplicadas nele, é o uso do território, e não o território propriamente dito, que o torna ferramenta de análise social. As forças a que se refere o autor, são caracterizadas por ele como horizontalidades e verticalidades, sendo horizontalidades domínios de continuidade territorial, aproximadas por lugares vizinhos, contíguos. Já as verticalidades são formadas por pontos distantes uns dos outros, conectados por todos os meios e processos sociais altamente vinculados a lógica de produção global, sem compromisso local. O autor retoma o conceito de espaço banal⁷, a partir da formação do território junto à ideia de rede. Associada as verticalidades ele afirma que o território, atualmente, apresenta a possibilidade de coexistir entre os chamados lugares contíguos (formados pelas forças horizontais) e lugares em rede (formado pelas forças verticais). Tal agenciamento da lógica vertical permite que o território apresente, como parte remanescente, o espaço banal. “São, todavia, os mesmos lugares que formam redes [verticais] e que formam o espaço banal (...). São os mesmos pontos, mas contendo simultaneamente funcionalidades diferentes, quiçá divergentes ou opostas” (SANTOS, 2005, p.256).

Castells (2013) aponta a resistência em rede como uma espécie de contrapoder. Entende-se que ele é gerado a partir do que é local, e intervém no espaço de poder (espaço global) a partir da organização de múltiplos espaços locais. A intervenção é engendrada através das redes advindas da internet e das comunicações sem fio, formando as “redes de contestação”. Tal contestação, segundo o autor, potencializa a reconstrução do processo de decisão coletiva e democrática, através da aprendizagem de novas práticas e outras formas de representação política que se manifestam no urbano.

a sua existência. Este prefixo também pode ser encontrado em outras palavras que fazem referência a práticas ou objetos que estejam ligados a tecnologia ou a internet, tais como: Cibercafé. Cibercultura.

⁷ O conceito foi originalmente formulado pelo economista francês François Perroux (SANTOS, 2005, p.256)

3. Agenciamento dos coletivos urbanos periféricos

O distrito de São Mateus está localizado na Zona Leste da cidade de São Paulo, integra a franja periférica sudeste da cidade e, é dividido em três subdistritos: São Mateus, São Rafael e Iguatemi. Inicialmente, buscou-se compreender as dimensões de espaço público, privado e coletivo nessas regiões, bem como da temática que envolve a segregação sócio espacial, para entender o contexto relacionado à criação, apropriação e manutenção do território promovido pelos coletivos e suas ações táticas. A escolha pelo Distrito de São Mateus justifica-se, pois, durante os estudos, notou-se que o local possui: (i) um histórico de lutas e reivindicações coletivas significativos, (ii) um número de ações táticas considerável em comparação aos demais distritos da Zona Leste e; (iii) apresentou referência expressiva aos demais coletivos da região da zona leste do município.

No Distrito de São Mateus foram mapeados 14 coletivos. A partir das informações do mapeamento, esta pesquisa iniciou a realização da identificação de características e o acompanhamento das ações táticas desenvolvidas por eles entre 2017 e 2018. Buscou-se compreender suas motivações, os espaços ocupados e as articulações estabelecidas entre eles, para que assim fosse possível realizar a análise do impacto sobre o território e, através dos mapeamentos, mensurar seu potencial e a articulação em rede. Tal acompanhamento se deu através de visitas à área e realização de entrevistas com membros dos coletivos e vizinhança.

A tabela 1 sintetiza os principais dados dos coletivos acompanhados. Através da metodologia de estudo, buscou-se demonstrar as principais características de cada coletivo, categorizando tipo da organização, se possui uma sede oficial, o tipo de ação desenvolvida e o seu campo de atuação. Definir um coletivo urbano não é uma tarefa de fácil desempenho, pois, existem inúmeros fatores para o surgimento e desenvolvimento dos mesmos, tanto das ações quanto das motivações dos grupos. Este artigo buscou apontar os fatores mais evidentes de cada coletivo, com o propósito de contribuir para a discussão do tema.



Figura 3 – Distrito de São Mateus, em rosa escuro. Mapeamento dos coletivos acompanhados pela pesquisadora. Fonte: Elaboração própria.

<i>Coletivos</i>	<i>Campo de atuação</i>
1. Casa de Cultura São Mateus	Atividade Cultural
2. Casa de Cultura São Rafael	Atividade Cultural
3. Cidade Sem Fome	Agricultura Urbana
4. Cinemateus	Artes Visuais / Graffiti
5. Clã Destino	Empoderamento Feminino
6. Coletores	Artes Visuais / Graffiti
7. Força Cultural	Atividade Cultural
8. Mãe da Rua	Música / teatro / literatura
9. Odisseia das Flores	Música / teatro / literatura
10.OPNI	Artes visuais / Graffiti
11.Perifacine	Artes Visuais / Graffiti
12.Rosas Periféricas	Música / teatro / literatura
13.Sankofa	Música / teatro / literatura
14.São Mateus em Movimento	Fortalecimento da cultura periférica

Tabela 1 – Síntese das informações dos coletivos do Distrito de São Mateus, conforme categorização definida nesta pesquisa.

A partir dos dados e do mapeamento, inicialmente percebeu-se que: (i) A maioria dos grupos foram categorizados como coletivos, desenvolvendo ações no espaço físico urbano, seja ele público ou privado; (ii) em todo o distrito foi identificado apenas um ponto de cultura independente, que agencia ações táticas e outros coletivos de forma intensa; (iii) as atividades desenvolvidas possuem temáticas diversas, se conectam e desconectam com intensidades diferenciadas; (iv) os coletivos, enquadrados no modo de atuação fixo são os pontos no mapeamento de maior influência no agenciamento de ações, quando considerados no conjunto de todos os grupos. Pode-se conectar tal fato à disponibilização do espaço físico para o encontro e realização de ações de outros grupos; (iv) observam-se muitas ações socioeducativas, que atingem o espaço urbano de forma indireta.

As atividades desenvolvidas pelos coletivos entram em intersecção em diversos aspectos. Tanto na característica do seu desenvolvimento, quanto na reprogramação do território. Destaca-se nesta análise o grupo São Mateus em Movimento, caracterizado neste trabalho como ponto de cultura independente. Percebe-se que a forte atuação nos agenciamentos e pontes se reflete no número de articulações que possuem. Tais intersecções aparecem sempre de forma horizontal, colaborativa. Não existe uma hierarquia entre os coletivos do Distrito, apesar de haver maior interação entre alguns. Os agenciamentos das ações ocorrem, em grande parte, de forma espontânea. Durante o período de pesquisa, observou-se que nenhum coletivo realizou solicitação de pagamento para firmar parcerias.

Tais articulações podem ser vinculadas ao conceito de “Redes Mundos Pequenos”, pois reforça a constituição das relações entre os coletivos em graus diferenciados. Pode-se considerar a existência de laços fortes e fracos através do número de articulações mapeadas (Figura 4). Percebeu-se que todos os coletivos foram citados ao menos uma vez, quando levantados os dados de articulações entre eles, o que revalida a observação de que todos estão direta ou indiretamente conectados. As articulações que podem ser categorizadas em “laços fortes” são percebidas, em maior clareza, entre os coletivos mais próximos, seja por

localização territorial – no caso de coletivos fixos – ou por compartilhamento de espaço físico – no caso de coletivos itinerantes.

Também aponta-se que a estruturação da rede proposta se aproxima a utilizada no conceito da “Rede Sem Escalas”, que prevê uma abundância de articulações realizadas com poucos pontos e uma maioria de pontos com menos articulações. Assim, considerando as articulações a partir do número de vezes que o coletivo foi citado, pode-se dizer que há uma rede em que se apresentam pontos conectores, como o Coletivo São Mateus em Movimento e a Casa de Cultura São Rafael. Segundo os padrões de crescimento deste tipo de rede, quanto mais conexões um coletivo apresenta, maiores são as chances de ele se tornar um ponto conector. Na Figura 04 é apresentado um mapeamento conceitual que indica a proposição da rede tática constituída pelo agenciamento das ações e dos coletivos de São Mateus.

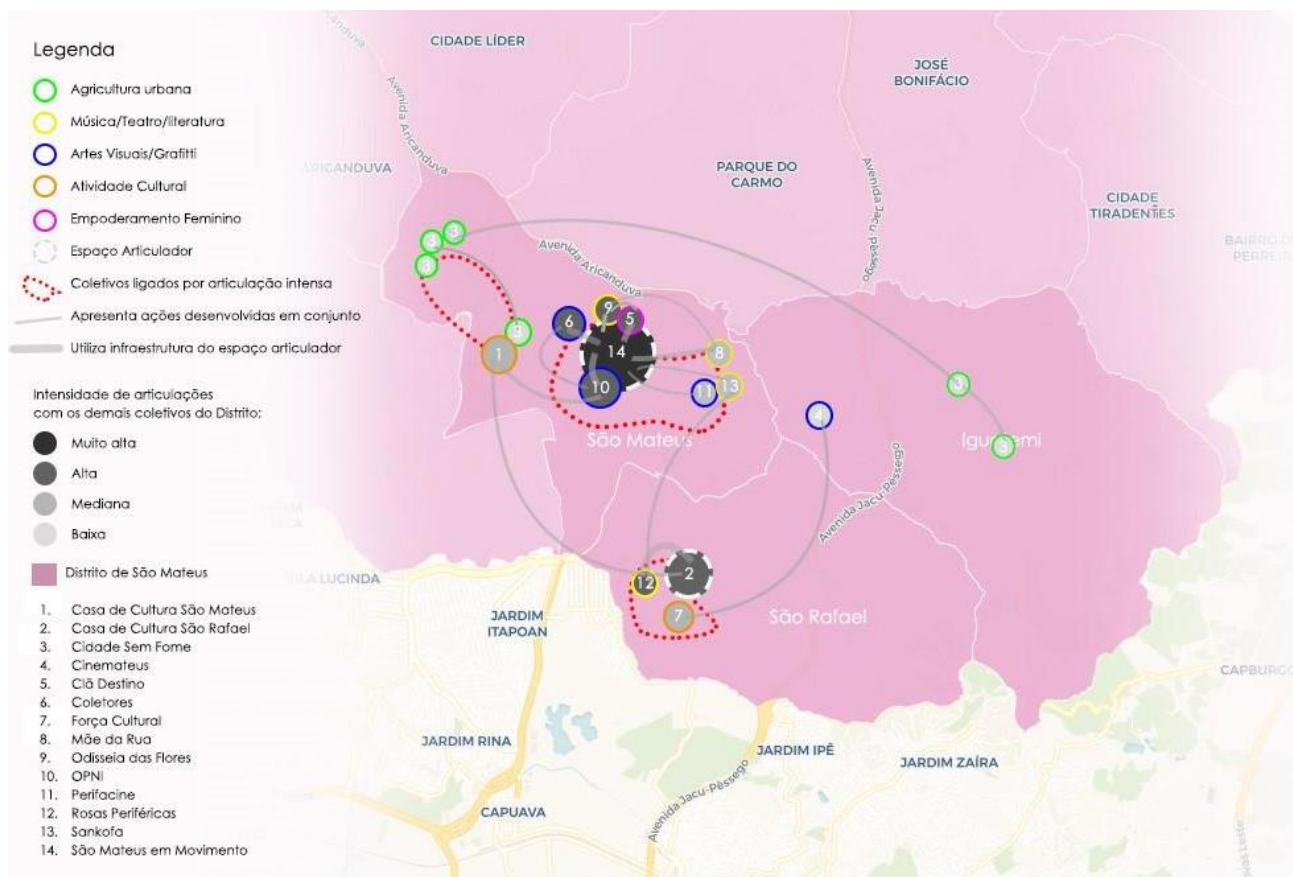


Figura 4 - Mapeamento conceitual dos coletivos do Distrito de São Mateus. Fonte: Elaboração própria.

Buscou-se demonstrar as articulações realizadas entre os coletivos e sua intensidade a partir dos conceitos explorados neste artigo. Pode-se perceber o agenciamento de grupos e a conexão de coletivos de forma pontual. Uma vez que, notam-se características remanescentes da conceituação de rede aqui abordada, tais como: a volatilidade, multiplicidade, intensidades, rupturas, conexões, além das características combinadas

das redes complexas, torna-se possível indicar a existência de uma conjunção em rede dos coletivos do Distrito de São Mateus.

Além disso, percebeu-se que existe uma articulação intensa entre determinados coletivos, caracterizadas pela formação de laços fortes ou relações em primeiro grau, cara. Ao observarmos a Figura 04, nota-se que a articulação mais intensa é a que o São Mateus em Movimento faz parte, como conector é o principal articulador de laços fortes em relação aos demais grupos que desempenham atividade itinerante na mesma área. Além disso, há coletivos que articulam-se pouco ou raramente com os demais coletivos da região. Isso ocorre, em grande parte, por conta do tipo de ação desenvolvida pelo coletivo, quanto menor for a convergência das ações, menor será o relacionamento e articulação entre eles. Tal característica foi encontrada no Coletivo Cidade Sem Fome, que desenvolve a atividade ligada a agricultura urbana, e pouco se articula com os demais campos de atuação identificados. Os campos de atuação artes visuais/graffiti, música/literatura/poesia e atividades culturais são os que mais apresentam conexões. Observa-se que a conjunção em rede dos coletivos retratados, se apresenta de forma descentralizada, ou seja, possui vários centros, com a predominância de dois pontos bastante claros (14. São Mateus em Movimento e 2. Casa de Cultura São Rafael).

4. Considerações finais

A partir do que foi apresentado, podemos fomentar a discussão sobre a efetividade das ações táticas no planejamento urbano local e na gestão do território periférico. O papel dos atores envolvidos nestas ações é fundamental para entendermos sua lógica. Ao alocarmos o olhar sobre os territórios de maior vulnerabilidade percebe-se que, em geral, as gestões urbanas apresentam dificuldades para enfrentar os problemas sociais e urbanos estabelecidos nas periferias. Observou-se que as formas de gestão participativas dos coletivos tendem a estimular alternativas à gestão urbana tradicional e, são capazes de explorar as características positivas da ação tática, especialmente nos territórios de alta vulnerabilidade, apresentando formas paliativas de se pensar e compor o espaço urbano já estigmatizado. Por isso, tonar-se “evidente que o urbano funciona como um espaço importante de ação e revolta política” (HARVEY, 2014, p.213).

A abstração de dados sobre o déficit sociocultural, associada a invisibilidade das ações táticas que ocorrem na periferia, favorecem a descrença das alterações proporcionadas, uma vez que as políticas públicas não conseguem suprir totalmente as reais necessidades e demandas da população. Foi observado que promover uma estrutura legislativa que permita a estas ações condições de manter-se financeiramente é uma questão crucial para a manutenção da ação tática periférica. Dentro da perspectiva neoliberal, é favorável ao Estado que as questões sociais ligadas a territórios de “baixa lucratividade” sejam supridas com sua ausência, e, nesse sentido, poderíamos então dizer que ação tática fortalece o modo operante do Estado. Porém, como observado, as atividades táticas da periferia ainda permanecem bastante vinculadas aos editais de fomento promovidos pelo poder público, principalmente municipal e, por isso, não apresentam condições claras de se integrarem à cidade sem a presença do Estado.

Pode-se afirmar que as ações táticas demonstram aspectos positivos e negativos, principalmente quando confrontadas às problemáticas do urbanismo neoliberal. É possível perceber que, dependendo do tipo de ação desenvolvida, da forma aplicável e do impacto local gerado, a ação pode involuntariamente aliviar as lacunas abertas pelo urbanismo neoliberal, reforçando, a longo prazo, sua força e existência. Contudo, igualmente, observam-se cenários em que a ação tática se coloca como método paliativo e alternativo ao modo neoliberalista de produção urbana.

Estas resistências urbanas comprovam que a ação tática não se coloca como uma lógica utópica, e sim como um processo transformador que nos move para uma nova dinâmica na política urbana e no planejamento local. Percebe-se que o território sofre impactos de diferentes escalas e intensidades. Atingindo não só as perspectivas do espaço físico, como também do caráter social e cibernético que compõe o contexto da área. Este movimento abrange novas ferramentas que se infiltram nos processos de desenvolvimento neoliberal.

O empoderamento dos agentes civis fomenta o caráter econômico social, promovendo a valorização do bem-estar individual e coletivo a partir do espaço urbano. Os coletivos se tornam agentes ativos na estruturação dos territórios que ocupam. Pode-se afirmar que as ações desenvolvidas pelos coletivos são inseridas no espaço através de intervenções consideravelmente mais humanas, vinculando-se diretamente a economia territorial, favorecendo não só o capital social do território, mas seu desenvolvimento. Destaca-se que a organização política dos coletivos não se estrutura em formas fixas, mantendo suas relações abertas, considerando as singularidades de cada demanda e incorporando a multiplicidade de diferenças em seu processo.

A ação tática pode ser vista como ferramenta de grande potencial, pois trata-se de um ativismo que funciona como instrumento de integração, capaz de fortalecer a coletividade a partir de questões expostas a um indivíduo, potencializando sua autonomia política. Além de mitigar os problemas urbanos, em escala regional ou local, a ação tática pode transformar a relação perceptiva do indivíduo com o espaço em que ele vive e habita e as ações desenvolvidas por estes indivíduos podem provocar um efetivo impacto na dinâmica tradicional do planejamento urbano e na gestão territorial de bairros e cidades.

A partir da leitura da rede tática, observa-se não só a importância das ações para o Distrito de São Mateus, como também para suas adjacências, servindo de referências para outros coletivos, principalmente a Região da Zona Leste. No contexto periférico, a ação tática se difere, tanto em seus fundamentos, razões e engajamentos, como nas formas de financiamento. Notadamente é possível apontar a divergência que há nas articulações estabelecidas pelos coletivos que atuam nas regiões centrais da capital paulista em relação aos coletivos que atuam nas regiões periféricas de São Paulo.

5. Bibliografia

BRENNER, Neil. Seria o “urbanismo tático” uma alternativa ao urbanismo neoliberal? Revista E-Metrópolis, ano 07, nº 27, 2016. Disponível em: <<http://emetropolis.net/edicao/n27>>. Acesso em abril/2017

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: Movimentos Sociais na Era da Internet. 1ª.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. Multidão: guerra e democracia na era do Império. Rio de Janeiro: Record, 2005. 530p.

HARVEY, David. Cidades Rebeldes: Do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

JACQUES, Paola B. Microrresistências urbanas: Por um urbanismo incorporado. In: ROSA, Marcos L. Microplanejamento Urbano: Práticas Urbanas Criativas. São Paulo: Editora de Cultura, 2011.

LEVY, Pierre. Cibercultura. 3. ed. São Paulo, SP: Editora 34, 2010. 270 p

MARTELETO, Regina. Informação, rede e redes sociais: fundamentos e transversalidades. Informação & Informação, v.12, n. esp., 2007. Disponível em: www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/07/pdf_691c714087_0011336.pdf. Acessado em 28 nov. 2018.

MAZIVIERO, Carolina; ALMEIDA, Eneida de. Urbanismo insurgente: ações recentes de coletivos urbanos ressignificando o espaço público na cidade de São Paulo. In: XVII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. Disponível em: http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%206/ST%206.1/ST%206.1-04.pdf. Acesso em: 15 set. 2018.

PETRESCU, Javier Vergara. Qué es el Urbanismo Táctico? In: STEFFENS, Kurt; et al. Urbanismo Táctico 3: Casos Latinoamericanos. Ciudad Emergente. 2013. p.13-17. Disponível em: [https://issuu.com/streetplanscollaborative/docs/ ut_vol3_2013_0528_17](https://issuu.com/streetplanscollaborative/docs/ut_vol3_2013_0528_17). Acessado em: 15 abr. 2017.

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet. 2ª ed. Porto Alegre: Sullina 2011 (Coleção Cibercultura). 206 p.

ROSA, Marcos Leite (Org.). Micro planejamento: práticas urbanas criativas. São Paulo: Editora de Cultura, 2011.

SÁ, Ana Isabel de. Urbanismo entre Pares: cidade e tecnopolítica. 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

SANTOS, Milton. O retorno do território. OSAL: Observatorio Social de América Latina. Año 6 n. 16 jan-jun. 2005. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>. Acessado em: 15 nov. 2018